



LITERATURA

9º ANO
Prof. Jozy

Lista:

03

Data: 25/ 03 / 2020

Aluno (a):

Nº

Leia:

O noivado de João-Pesca

João- Pesca viu o sol abrir os olhos para a quarta-feira e bocejou num espreguiçamento demorado, como que cumprimentando o dia enfeitado de azul. A vida era um córrego sem pressa, mas às vezes reclamava. Pelo tempo de agora estava apaixonado que chegava a ficar leve no encantamento que floreava o coração de coisas bonitas. Hoje amanheceu com duas vontades: beber uma cachacinha como de costume e ver a filha do vendeiro Quinquim, por UEM andava de beijo caído de paixão.

“Ai, Corina, meu amor!”

Suspirou fechando os olhos. Nada podia existir no mundo que fosse mais belo que gostar de uma mulher e sentir o pensamento desenhar aquela figura o dia inteiro. Ver Corina podia até não ser difícil, mas conversar com ela ia ser uma parada indigesta. O pai não queria vê-lo nem pintado de ouro. (...)

O diacho é que já estava devendo na venda, o homem não queria vê-lo beirando a filha e nem queria mais vender-lhe fiado. Um dia teve até um papinho desagradável com o sogro:

- João-Pesca, quando você vai pagar a sua conta?

- Diinha desse. Loguinho mesmo.

- Eu não te vendo nem mais um cigarro fiado.

- Como tem Deus no céu que o dia que eu fintar um palitinho de fosque de um cristão, o diabo vai me carregar pro inferno.

- Espero que não carregue... Eu tô precisando de grana pra comprar mercadoria.

- Hoje eu tô meio desaprevido, seu Quinquim, mas logo eu cumpro o meu dever. (...)

Quinquim nem sabia que o João-Pesca já andava de namorinho escondido com Corina. Chegava no caladinho do espia-espia e disparava uns sorrisos adocicados e a menina respondia com o brilho da graça dos olhos e um tremor quase medroso nos lábios. João-Pesca até se inchava de feliz.

Duas semanas atrás, começaram o namoro mais sério num pagode arrasta-pé, sanfona, violão e pandeiro. Outra mais bela que a Corina não existia nem entre as artistas de cinema. Como podia ser bonita daquele jeito, meu Cristo! Usando aquele vestido amarelo e aquele cheiro de mulher meio flor, meio passarinho raro, a pele que nem pluma num descuido na pele dele, os cabelos jogados para trás. E a maciez harmoniosa da voz. Isso é que era de repente sentir-se o rei da festa e descobrir o encantamento da vida.

- Gosto de você que nem um passarinho não consegue separar da companheira, Corina.

- Espero ser verdade, João.

Segurou a mão dela e ela reclamou com medo porque a mãe estava olhando. Aproveitou um escurinho para dar um beijo naquele rosto de pele de pêssego, e Corina estremeceu e ficou com as pernas bambas porque era a primeira vez que um homem fazia aquilo com ela. Felizmente o pai não estava na festa.

Mas depois veio a tempestade provocada pelo bigodudo. Esperava apenas que ele pagasse a conta. Com a filha dele, João-Pesca não devia tentar o menor atrevimento.

Pagar a conta? Não poder namorar a Corina? O desafio maior era a proibição. Pagar a conta era dó pescar um peixe, vender, e pronto.

Amanheceu decidido como um touro espanhol para o ataque e enchendo o peito de coragem falou para ninguém escutar que ia enfrentar a carranca o sogro e pegar o diabo pelo rabo. Ou o bode pelo bigode. O olhar adocicado com mel do amor da Corina... Isso sim.

Jair Vitória, Travessuras danadas, Atual.

01. Quem são as personagens do texto?

02. João-Pesca enfrentava dois problemas com o vendeiro Quinquim. Quais eram esses problemas?

03. Ao seu ver, por que o vendeiro Quinquim não queria que a filha namorasse João-Pesca?

04. Com base no texto, caracterize a personagem João-Pesca.

05. Reescreva a frase, transformando a linguagem popular em linguagem culta: - Hoje eu tô meio desaprevido, seu Quinquim.

06. O autor utiliza no texto a comparação para transmitir as ideias e os sentimentos das personagens. Copie do texto as comparações usadas pelo autor.

07. Dê as características físicas de Corina, segundo João.

08. Qual outro título você daria para o texto?

09. Faça um resumo do texto.

Leia:

Pedro – O homem da flor

Se você se enquadra entre aqueles que se dizem boêmios ou, pelo menos, entre aqueles que costumam ir, de vez em quando, a um desses muitos barezinhos elegantes de Copacabana, é provável que já tenha visto alguma vez Pedro – o homem da flor. Se, ao contrário, você é de dormir cedo, então não. Então você nunca viu Pedro – o homem da flor – porque jamais ele circulou de dia a não ser lá, na sua favela do Esqueleto.

Quando anoitece, Pedro pega a sua clássica cestinha, enche de flores, cujas hastes teve o cuidado de enrolar em papel prateado, e sai do barraco rumo a Copacabana, onde fica até alta madrugada, entrando nos bares – em todos os bares, porque Pedro conhece todos – vendendo rosas. Quando a cesta fica vazia, Pedro conta o que conseguiu ganhar naquele dia e vai comer qualquer coisa no botequim mais próximo. Depois volta para casa como qualquer funcionário público que tivesse cumprido zelosamente sua tarefa, na repartição a que serve.

Conversei uma vez com Pedro – o homem da flor. Já o vinha observando quando era o caso de estar num bar em que ele entrava. Via-o chegar e dirigir-se às mesas em que havia um casal. Pedia licença e estendia a cesta sobre a mesa. Psicologia aplicada, dirão vocês, pois qual o homem que se nega a oferecer uma flor à moça que o acompanha, quando se lhe apresenta a oportunidade? Sim, talvez Pedro seja um bom psicólogo, mas, mais do que isso, é um romântico. Quando o homem mete a mão no bolso e pergunta quanto custa a flor, depois de ofertá-la à companheira, Pedro responde com um sorriso:

— Dá o que o senhor quiser, moço. Flor não tem preço.

Como eu ia dizendo, conversei uma vez com Pedro e, desse dia em diante, temos conversado muitas vezes. Ele sabe de coisas. Sabe, por exemplo, que a rosa branca encanta as mulheres morenas, enquanto que as louras, invariavelmente, preferem rosas vermelhas. Fiel às suas observações, é incapaz de oferecer rosas brancas às mulheres louras, ou vice-versa. Se entra num bar e as flores de sua cesta são todas de uma só cor, não coincidindo com o gosto comum às mulheres presentes, nem chega a oferecer sua mercadoria. Vira as costas e sai em demanda de outro bar, onde estejam mulheres louras, ou morenas, se for o caso.

O pequeno buquê de violetas – quando as há – é carinhosamente arrumado pelas suas mãos grossas de operário, assim como também as hastes prateadas das rosas. Saibam todos os que se fizeram fregueses de Pedro – o homem da flor – que aquele papel prateado artisticamente preso na haste das rosas e que tanto encanta as moças foi antes um prosaico papel de maços de cigarros vazios, que o próprio Pedro recolheu por aí, nas suas andanças pela madrugada.

Sei que Pedro ama a sua profissão, tira dela o seu sustento, mas acima de tudo esforça-se por dignificá-la. Não vê que seria um mero mercador de flores! Lembro-me da vez em que, entrando pelo escuro do bar, trouxe nas mãos a última rosa branca para a moça morena que bebia calada entre dois homens. Quando os três levantaram a cabeça ante a sua presença, pudemos notar – eu, ele e as demais pessoas presentes – que a moça era linda, de uma beleza

comovente, suave, mas impressionante. Pedro estendeu-lhe a rosa sem dizer uma palavra e, quando um dos rapazes quis pagar-lhe, respondeu que absolutamente não era nada. Dava-se por muito feliz por ter tido a oportunidade de oferecer aquela flor à moça que ali estava. E sem ousar olhar novamente para ela, disse:

- Mais flores eu daria se mais flores eu tivesse!

Assim é Pedro – o homem da flor. Discreto, sorridente e amável, mesmo na sua pobreza. Vende flores quase sempre e oferece flores quando se emociona. Foi o que aconteceu na noite em que, mal chegado a Copacabana, viu o povo que rodeava o corpo do homem morto, vítima de um mal súbito. Só depois é que se soube que Pedro o conhecia do tempo em que era porteiro de um bar no Lido. Na hora não. Na hora ninguém compreendeu, embora todos se comovessem com seu gesto, ali abaixado a colocar todas as suas flores sobre as mãos do homem morto. Pois foi o que Pedro fez, voltando em seguida para a sua favela do Esqueleto. Naquela noite não trabalhou.

PONTE PRETA, Stanislaw. Dois amigos e um chatô. São Paulo: Moderna, 1986. p. 5-6.

10. Marque V para a(s) alternativa(s) verdadeira(s) e F para a(s) falsa(s). Com relação ao texto:

- () O narrador fala de um momento presente.
- () O narrador fala de coisas do passado.
- () O narrador fala de um momento presente.
- () O narrador recorda fatos passados.

11. Marque V para a(s) alternativa(s) verdadeira(s) e F para a(s) falsa(s). Qual é o objetivo principal do autor com esse texto?

- () Falar de sua admiração pelo homem da flor.
- () Mostrar um aspecto positivo do comportamento humano.
- () Enaltecer as qualidades positivas do ser humano.
- () Ridicularizar as atitudes do ser humano para com o próximo.

Leia:

Mil rostos

Esses rostos, esses corpos, essas raças, esses risos, essas mãos, esses seios, são gente, coisa concreta, substância, e me substantivam.

Esse jeito terno, esse trejeito alegre-ou-triste, esse ar cismarento são adjetivos vivos, que na superfície dos cromos me cromatizam.

Tudo isto são eles.

Tudo isto sou eu.

Cada um deles, no dizer de Mário de Andrade, é brasileiro, “brasileiro que nem eu”. E Mário dizia isto no acalanto para um seringueiro, com uma ternura enorme, com um coração enorme, com uma baita brasilidade, redonda, redundante, numa redondilha poética e amorosa.

A cara de cada um.

A cor de cada um.

A coroa ou a cruz de cada um no corpo de cada um.

Cara. Face. Ou moeda: metáfora banal, comum e singular, porque em cada rosto igual e diferente, cada um é cada qual.

De que se compõe um rosto?

De que, se todo rosto tem dois olhos, uma boca, um nariz e as particularidades de sempre?

O rosto é minha pátria, meu posto de observação.

O rosto, mesmo sendo do outro, é meu eu exposto.

Cada rosto é um poço (passo?) de inquietação.

Quantos povos num só rosto?

Quantas peles num só corpo?

No meu eu e no seu rosto me asilo. E na face alheia conheço o exílio.

Rosto. A cara e a coragem, ríctus de passagem, mais que paisagem.

Ali o flagrante do dia-a-dia, transcendido, historiado.

O pequeno e único instante fotografado, o cotidiano guardado, invertido, revertido, revelado.

Aqueles indiozinhos, como peixes (ou pixotinhos nos subúrbios pescando e já pescados?)

Aqueles alemãezinhos ou poloneses com a ternurinha arredia e iluminada.

Aquela negrinha justinha na costurinha do vestidinho engomado.

Os seios da índia, mata virgem poluída-e-desejada, onde o florão da pátria deflorada ostenta o lábaro estrelado

Tantas fotos que substantivam e adjetivam o meu presente-passado,

Tudo isto sou eu,

Tudo isto são eles.

Nesses rostos, nessas raças, roço o meu corpo em alvoroço e como um narciso aturdido recomponho as mil faces contidas na unidade de um só rosto, talvez perdida.

(Affonso Romano de Santana)

12. Qual é o tema central do texto “Mil Rostos”?

13. De acordo com o autor, como são esses rostos? Todos eles são iguais?

14. O autor faz alusão aos elementos étnicos que concorreram para a formação do povo brasileiro. Quais são esses elementos?

15. Pode-se afirmar que o texto “Mil Rostos”:

- Apresenta linguagem bem elaborada, com emprego de muitas palavras e expressões em sentido figurado.
- É uma poesia, devido à disposição gráfica dos versos e à presença de rima do início ao fim do texto.
- Tem muito ritmo e musicalidade, resultantes do encadeamento de palavras e expressões de sonoridade agradável.